

UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 00268134 4

Figueiredo, Fidelino de Sousa
Arte moderna

PN
768
F5



FIDELINO DE FIGUEIREDO

“Arte Moderna,,

(MIRAGEM CRITICA)

LISBOA
LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
158, Rua da Prata, 160

—
1908

Dr. Leão de Paiva,

F. Antão
n.º 8

“ARTE MODERNA,”

Propriedade da Livraria Central, de Gomes de Carvalho,
158, rua da Prata, 160.—Typ. de Manuel Duarte, rua dos Cor-
reiros, 123.—Lisboa.

DO MESMO AUTÔR:

Maria (esgotado) 1905.

O orfão. 1905.

Notas elucidativas aos poemas «Camões» e «Retrato de Venus» de A. Garrett. 1906.

Os Amores do Visconde. 1906.

Os melhores sonetos da lingua portugûesa. 1907.

Sonatas. 1908.

FIDELINO DE FIGUEIREDO

“Arte Moderna,,

(MIRAGEM CRITICA)

LISBOA
LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
158, Rua da Prata, 160

1908

PN
768
F5



Hesitei longo tempo em publicar estas notas criticas, redigidas no simples intuito de apontamento intimo. Sobretudo receava o labéo de irreverente, quando eu era apenas sincéro.

Circumstancias posteriores decidiram-me. Publico o folheto, guardando inteira responsabilidade de quanto néle expendo.

21-Março-908.

FIDELINO DE FIGUEIREDO.

O conflito entre as nossas intimas convicções e os nossos atos, as mentiras e os preconceitos—na sintetica sistematização de Nordau—produziram esta geral neurastenia que eiva toda uma sociedade, este mal-estar psiquico que a arte europêa reflete.

Que é a arte contemporanea?

E' a degenerescencia duma passada estetica que satisfez o espirito por homopatia e que, de falsificação em falsificação, desceu ao cinismo descarado dos proxenetas de hospedaria, como esses produtos muito procurados que a exploração do negocio contrafaz, envenenando o mercado. Disse, por homopatia.

Ha efetivamente dois grandes recursos de que a humanidade lança mão avida para os seus achaques esmagadores; a roxa maceração com os males dos outros, e a

livida embriaguez estonteada dos calman-tes.

E' a volupia que nos embala e consola ao ver os nossos males, as nossas dôres indiziveis, os nossos cinismos, a nossa desesperança, eivando toda uma sociedade, traduzidas na literatura; é a satisfação egoistica da infelicidade, como a dum cativo, chorando a liberdade, que sustem os soluços, para ouvir os suspiros doutro preso no carcere, ao lado. E' o *similibus* da medicina, a homopatia.

Mas ha dores angustiosas e roxas que essa mesma literatura contagia, mil vezes mais espetaculosas na arte; acima das manifestações individuaes da sífilis ou da tuberculose, ha a grande manifestação coletiva das causas primarias dessa tuberculose, dessa neurastenia, burguêsmente justificadas na imoral seleção de Malthus. Para estes a homopatia era apenas um acrescimo de dôr; e como na primeira aflicção mergulhamos em agua um dedo queimado, anestesiam os nervos com o alcool, o tabaco, os brometos, tornando-os lassos, aniquilando-os. E' o *contrariis* da medicina, a alopatia; é por vezes o suicidio.

A uns e outros corresponde uma literatura. No seu primeiro aspeto, essa literatura foi uma consequencia natural e determinada desse estado de espiritos. Foi o realismo de Zola, Daudet e Eça. Mas depois com vida independente e com o caracteristico da velhice das escolas, a transigencia servil, degenerou, procurando não já escarpelar higienicamente—como o medico que faz repuxar o pús duma chaga que um mendigo explorava nas estradas—mas descendo á chusma que aplaude os *can-cans* e á noite, nas sordidas viélas, exalando um halito detestavel a aguardente, assobia uma canção pornografica.

E' o realismo na fase cinica, o realismo atual, não já um higienista, mas um tra-peiro imundo, bisbilhoteiro d'alcova, pantomimeiro de praça. O intuito social, elevado e sublime, de Zola, o seu grande credo de pureza e de rehabilitação é hoje apenas um negocio para editores. O atual realismo é para o velho Flaubert, o mesmo que a convencional praxe dum padre roncando latim e salivando a téssta dum anjo, para a cerimonia toda unção e candura do batismo de João, nas margens do Jordão, o mesmo que o catolicismo para o cristianismo de Paulo de

Tarso. O homopata degenerou no mendigo de feira, que exhibe as varizes, onde as moscas zumbem.

Houve porém dissidentes, e essa dissidência coincidiu com os povos que sofrendo igualmente—porque o atual mal-estar não é condição dum povo, mas da humanidade inteira—mais pura e mais anciosa tinham a noção de liberdade. São os Sienkiewicz na esquadrejada Polonia, os Merejkowsky na Russia dos Trepoff, os Ebers, Eckenstein, Dahn, Freytog e Scheffel na Alemanha do sargentismo. Estes escritores dissidentes foram como os transeuntes aceados que retrocedem ante um charco.

Donde esse mal-estar, que na Arte se traduz ou por uma satira candente—no primitivo realismo de denuncia—ou por uma embriaguês morbida da propria infelicidade—no atual realismo todo carne e lama—ou por um indifferente desdem nas dissidencias?

Do conflito entre as nossas intimas convicções e os nossos atos. Desprezamos um Deus de papelão e reverenciamos ante êle; despresamos um bôbo medievo, todo emguisos e côres, e reverenciamos ante a magestade passada do seu trono ruinoso; odia-

mos o vizinho, que nos caluniou, e aperta-mo-lo contra o peito.

E donde esta discordancia?

Da transgressão, irreverente nos cultos, imbecil nos outros, duma lei social: as manifestações da nossa vida coletiva variam com os estados dos espiritos, estados que marcam as épocas do progresso e que derivam de fatôres multiplos. O espirito conhece a verdade do exterior que o rodeia, e reflexamente, com esse conhecimento, atúa sobre esse exterior e modifica as relações mutuas. Evidentemente para estabelecer as bases da logica foi preciso que já antes se pensasse, deduzisse e induzisse com logica; para se ensinar o Bem foi preciso que já antes alguém dêsse esmola ou cobrisse uma nudez. Do espirito não partem conhecimentos, como num espelho se não formam as imagens, espontaneamente. Mas são os seus estados coletivos que marcam as épocas da historia, porque ninguem diz, racionadamente, a época de Luis XIV, mas sim a época de Descartes e Corneille; ninguem diz o seculo de Manuel, João III ou Sebastião, mas sim o seculo de Vasco da Gama, Pedro Nunes, Camões ou Magalhães.

Pois bem, o espirito humano evoluiu.

Bacon Descartes, e Locke reformaram a filosofia; Newton reduziu o firmamento a formulas algebricas; Voltaire satirizou a *infame*; Rousseau, pelo sentimento, fez-se o porta-bandeira da anciedade cansada duma humanidade doente; veio a Revolução e com um otimismo romantico proclamou a Igualdade, Liberdade e Fraternidade; as sciencias ensinaram a resolução dos grandes problemas do universo, satisfatoriamente uns, esperançosamente outros; a historia natural lançou o grande culto pela natureza; Proudhon animou a crença numa proxima alforria do proletariado, a escravidão moderna; um novo culto se ergueu: o da humanidade. Correram rios de sangue por toda a Europa —E que restou? Apenas novos conhecimentos que os sabios armazenam esterilmente, como os avarentos aferrolham seus tesouros num cofre chapeado.

O espirito da sociedade é outro, a forma é a mesma. Ha pois um abismo. Temos as nossas mutuas relações organizadas sobre as mesmas bases artificiaes, em que assentava o trato social do senhor feudal com os eufudados.

Os reis não tem como ha dez seculos o

jus primae noctis, não dizem com ha tres seculos:

—*L'Etat c'est moi!*—mas a coberto com o farrapo duma Constituição, esmolada como umas calças velhas a um mendigo importuno, são os mesmos donos dos homens, os mesmos ácaros dificultando o desenvolvimento fisiologico do corpo, em que parasitam.

E pela escada abaixo, degrau a degrau, as mesmas mentiras eivam todo o espirito humano; na idade media, ignorancias, sinceridades, agora cinismos, burguesias.

O evolucionismo é uma verdade definitiva em geologia, em biologia, em filosofia e na historia.

As idéas vem descendo lentamente, descansadamente como um rio de penaplanicie sem cheias nem cataratas; quando se lhes opõe um obstaculo, param, ganhando inergias, que acumuladas derrubam o dique, galgando além impetuosas e destruidoras.

São as revoluções. Em historia representam o catastrofismo geologico.

Elas são pois uma necessidade, porque não ha evolução, sempre metodica e progressiva, sem estacionamentos, nem recurrencias, todos esses obices que são o apanagio duma

inovação. Elas são conflitos dos espiritos modernizados com os poderes estacionarios.

O estado—como todas as instituições—incute aos que o encarnam uma psicologia propria, egoistica e conservantista, que torna a intransigencia o seu carater predominante, o seu mais resistente sustentaculo. Os espiritos que evoluem são os que não pertencem a nenhuma horda politica nem a uma religião, é a massa anonima sempre de braços abertos a todas as inovações; é a humanidade tolerante e passiva que assiste respeitosamente á proclamação das mais retumbantes verdades, que ouviu impassivel.

—E pur si muove!—de Galileu.

Porém, quando os espiritos crêem e sentem umas presupostas verdades, ensinadas no mole periodo da infancia—em que as impressões se gravam com a maleabilidade da cera e a constancia do ferro—vinculadas pela hereditariedade e incorporadas no seu proprio ser por uma obstinação muito humana—que faz que, por vezes, os principios duma escola e os seus adeptos se confundam, os ataques áquela, ataques pessoaes, as defesas, encomios pessoaes—a evolução resulta impossivel.

A massa anonima só se opôs aggressiva-

mente a uma verdade nova, quando estimulada pelos grandes poderes que encarnavam o passado, a Igreja e o Estado—essas velharias que lembram costas de cadeira e loiça quebrada que um inquilino encontra numa casa longo tempo deshabitada, unica relação que o prende ao seu extinto antecessor. No fim do século XVIII não foram *as nações coligadas* que se levantaram contra a França, foram os *reis coligados*, prevendo o écho da revolução francesa nas revoltas liberaes, enganosamente sufocadas com a burla das Constituições.

A sociedade atual, politicamente, não tem pois um carater proprio que a fixe na historia, não estabeleceu um sistema; tem todavia uma grande fisionomia psiquica. E como a literatura é documento vivo da psicologia coletiva, estudar as nevroses da sociedade é compreender essa literatura na sua fonte de derivação, sintetiza-la no seu presente e porventura deduzir o élo que prende o seu futuro.

Politicamente a sociedade atual não produziu um sistema; as monarquias ostentam ainda a sua inercia, as republicas são passadas deceções. Só no mundo dos sonhos a atual sociedade ideou o socialismo e a anar-

quia, com seus multiplos ramos, divergencias e dissidencias, que são condição duma idéa nascente. Mas são apenas aspirações, sonhos... no mundo das realidades, na sua forma externa e na sua organização, a sociedade mantem-se secularmente imutavel e rotineira. Ás descobertas das sciencias, á expansão das artes, succedeu-se um estado de espirito que se não traduz em ato, mas em sonho, sonho que a literatura espelha nesse mal-estar de mil cambiantes, vago e sentimental no romantismo, positivo no realismo, cinico na sua degenerescencia...

A uma evolução dos espiritos devia seguir-se uma evolução social. Não succedeu assim. Uma inergia como represada amoleceu os nervos, e as aspirações que seriam realidade, cumprida a lei natural—o efeito segue a causa—são como um crêdo, um sonho de fadas, em que ha princêsas orientaes, rebrilhantes de pedras, palacios encantados, ondas preguiçosas, uma brisa suave, um ceu limpo... Só na imaginação a humanidade descansa. A vida é uma luta maltusiana, o futuro o Eldorado, os homens que o sentem argonautas audazes, confiados Hercules, que virão libertar a velha humanidade, ha seculos agrilhoadas ao

Caucaso, desde a tarde em que roubou o fogo celeste, licencendo Deus por inutil.

Podia, como Jupiter, animar uma estatua, move-la, requebrar-lhe os musculos, dar luz aos olhos, expressão á frente, pensamento ao cerebro; eram igualmente poderosos. Dispensou-o.

A neurastencia social é pois uma inercia represada, um *ex aliquo nihil*, uma infração a uma lei natural. As causas deram-se, as consequencias permanecem méros sonhos. É um anacronismo, uma contradição, uma mentira a sociedade burguesa! Como se a vida tivesse outro objetivo que a felicidade de todos!

Correspondentemente olhemos a Arte.

No ponto de vista méramente empirico, é apenas a criação do Bélo, uma exigencia dum sentimento de Beleza, um devaneio para mulheres languidas, um sonho para rapazes de sangue forte e de imaginação. Assim foi considerada longos seculos, embora as suas consequencias dinamicas se hajam, mesmo no passado, feito sentir. Nos velhos séculos, éla foi uma folga para o espirito. E só nas horas anuveadas, os reis ouviam os brandos trovadôres, nos altos salões... mandando-os em seguida á cozinha e ao palhei-

ro. Os mais propicios ao sonho divagavam ao luar, ouvindo o terno alaúde do Minnesinger, cabelos ao vento, rosto chupado, ou escutando divertidos, á sésta, *sub tegmine fagi* os banaes amôres duma princêsa longinqua e palida... Éla era então uma intermitencia do Belo na vida menos intelectual dos povos. Brotando espontaneamente e inculta como um lirio do campo, era a alma dos povos sonorizada, feita harmonia.

Ossian é o espirito da nebulosa Albion... Consequencia imediata da vida dos povos, em cujo seio se gerava, era guerreira quando êles se digladiavam, amorosa quando no remanso da paz, se davam aos afetos da familia, semelhando-se ás plantas que mudam de porte com os terrenos. Na época de Carlos Magno, as gestas são louvaminhas bélicas, átomos dispersos duma grande epopêa ciclica, a poesia carlovingia; enquadrada na Provença, entre os Cevenas, os Pirineus e a Côte d'Azur, sob aquêlé céu limpido e nascendo daquêles peitos risonhos, foi o lirismo inspirado dos Cancioneiros.

Esta foi a literatura passiva, em que os autôres, mandatarios das leis da sua derivação, se seguiam sem interpretar essa sequencia, tomando essa diversificação como uma

originalidade pessoal. Engano. Ha para cada tempo uma arte, que os autôres só interpretam, sentindo a sua época, vivendo-a.

Constituiu-se a historia critica das literaturas. E como na fisica, as descobertas do vapôr e da eletricidade se tornaram meios de *ação* sobre o mundo exterior, assim paralelamente em Arte. O conhecimento da sucessão regular e determinada das escolas—consequentes das épocas psicicas—facultou ao artista meios de atuar sobre a sociedade, da passividade a atividade, da analyse a sintese, dum longo automatismo inconsciente a emancipação, a ação.

Tal o meu crédo, a Arte dinamica, profundamente social e pautada por um intuito.

Esta literatura de ação, baseada na literatura passiva como documento psiquico, toma pois um character utilitario que a não torna mercenaria, antes a acomoda ás exigencias praticas do espirito moderno.

Por outro lado, os sociologos e os criticos mostram os males seculares que enfermam a velha humanidade, com as inergias atrofiadas, que não esgotadas. Portanto sobre os trabalhos de Tarde, Guiraud, Kropotkine, Grave, Naquet, Nordau, Hamon, Bakounine, Malato, Paulhan, Lombroso, Bernard, Tols-

toi (educador), Lubbock, Spencer, Comte, Darwin, Haeckel, Bagehat, Guyau, etc., será uma nova literatura de reconstrução. Qual pois o credo da Arte moderna?

Sobre a literatura passiva, como documento psicologico, interpretar o estado de espiritos e deduzir as suas aspirações; sobre as novas sciencias sociaes e a nova filosofia fundar um novo ideal de beleza.

A Arte foi sempre a satisfação dum sentimento de Beleza, mas uma Beleza estatica; será modernamente uma Beleza dinamica e utilitaria. Pelo sentimento—na aceção estetica do termo—insinuar o convencimento.

Dos extintos, só Zola anteviu este novo crêdo no seu materialismo na Arte, que é a parte original da sua grande obra, embrião de todas as literatura futuras. A critica official não o compreendeu.

M. Zola est, pretend être un savant. M. Zola n'a jamais aperçu la différence qui existe entre une expérience scientifiquement conduite dans un laboratoire de chimie ou de physiologie, et les prétendues expériences du roman, où tout se passe dans la tête de l'auteur, et qui ne sont, en fin de compte, que des hypothèses plus ou moins arbitraires.

.....
 Passons donc condamnation sur les prétentions scientifiques de M. Zola.

...Il n'est même pas vulgarisateur comme M. Jules Verne.

(GUSTAVO LANSON).

A França burguesa não o compreendeu; coroou o seu genio fechando-lhe a Academia — a mais rara das consagrações — e ultimamente fez um silencio cruel sobre a sua obra genial. Na camara dos deputados, cerca de duzentos votos opinaram contra a trasladação das suas cinzas para o Panthéon.

Os criticos discutiram-no através um prisma de burguesismo que o deformou, por refração. Mas a humanidade inteira leu Zola, amou-o e compreendeu-o. Para muitos o *Germinal* é uma biblia.

Contemporaneamente a literatura francesa debate-se numa indecisão, em que apenas destacam os Rostand, Mirbeau, Loti, Margueritte, A. France, Barrés...

Na Espanha uma parte da obra de Blasco Ibañez, animada por um pessoalismo forte e irresistivelmente combativo, derivada do culto de Zola, mostra essa moderna feição anti-burguesa. A *Catedral* é uma grande obra que eu oponho ao *Paris* de Zola, a *Flôr de Maio* atesta a sua filiação evidente no *Ventre de Paris*. Perez Galdós, na sua

campanha anti-clericalista, é também um aspecto desta corrente anti-burguesa.

A Noruega apresenta Ibsen, o velho Ibsen lutador, apóstolo da liberdade.

Atualmente os romancistas de maior aceitação, Gorki, Kipling e Annunzio, devem o seu sucesso ao individualismo infrene, á neurastenia ansiosa que traduzem, frutos duma arvore comum, o mal-estar geral que Nietzsche tão fielmente soube interpretar.

Gorki, eivado da *toska* nacional, acentuada pelas vicissitudes da sua vida irregular e pela sua hiper-sensibilidade de artista, tradús as aspirações de todo um povo ancian-do o *pravda*, o ideal de Verdade e Justiça. Kipling, impetuoso e grosseiro, espiritualiza o excursionismo—essa vagabundagem morbida — e deixa aluir velhos escrupulos; Annunzio, aristocrata, regressa aos Borgias, pondo nas descrições a mesma nevrosidade do russo ou do inglês. São materialistas, sob uma tórma romantica.

Um só romancista, relegando o pessoalismo, pôde fazer convergir correntes tão varias, que no alvo coincidiam. Sómente, desorientadas, seguiam direções diversas, mas o fim era um. Zoia soube fundir essas nevrosidades—degenerescencia com Nordau—

é a parte subjetiva da sua obra; e com a sua bagagem scientifica, que tantos criticos mal-sinaram, entreviu o aspecto ativo da futura literatura—é a parte objetiva da sua obra.

Êle procurou interpretar o estado dos espiritos, coevo, a unica fonte da Arte; e com uma tenacidade que lembra a de Goethe, meditando o Fausto durante a vida inteira, lançou os Rougon-Macquart, a obra capital do realismo enropeu.

Dando-lhe outra significação, que não a depreciativa que por certo lhe attribuiu o critico Mendes dos Remedios, repito a sua frase:

Zola levou o realismo ás suas ultimas consequencias.

Levou-o porque o extenuou, gastando-lhe os recursos. Compreende-se á evidencia este momento da sua obra. Encerrando o *Ventre de Paris* com a scetica impreciação de Claudio Lantier — *Quelles gredins qui les honnêtes gens!*—vai relegando o realismo estrito, idealizando o seu estilo com uma fé de crente e lançando no *Paris* hinos de rendençaõ, de iluminado:

Paris flambait, ensemencé de lumière par le divin soleil, roulant dans sa gloire la moisson future de ve-

ERRATA

Em vez de:

Quelles gredins qui les honnêtes gens!

leia-se:

Quels gredins que les honnêtes gens!

campanha anti-clericalista, é também um aspecto desta corrente anti-burguesa.

A Noruega apresenta Ibsen, o velho Ibsen lutador, apóstolo da liberdade.

Atualmente os romancistas de maior aceitação, Gorki, Kipling e Annunzio, devem o seu sucesso ao individualismo infrene, á neurastenia ansiosa que traduzem, frutos duma arvore comum, o mal-estar geral que Nietzsche tão fielmente soube interpretar.

Gorki, eivado da *toska* nacional, acentuada pelas vicissitudes da sua vida irregular e pela sua hiper-sensibilidade de artista, tradús as aspirações de todo um povo ancian-do o *pravda*, o ideal de Verdade e Justiça. Kipling, impetuoso e grosseiro, espiritualiza o excursionismo—essa vagabundagem morbida — e deixa aluir velhos escrupulos; Annunzio, aristocrata, regressa aos Borgias, pondo nas descrições a mesma nevrosidade do russo ou do inglês. São materialistas, sob uma tórma romantica.

Um só romancista, relegando o pessoalismo, pôde fazer convergir correntes tão varias, que no alvo coincidiam. Sómente, desorientadas, seguiam direções diversas, mas o fim era um. Zoia soube fundir essas ne-

é a parte subjetiva da sua obra; e com a sua bagagem científica, que tantos criticos mal-sinaram, entreviu o aspecto ativo da futura literatura—é a parte objetiva da sua obra.

Êle procurou interpretar o estado dos espiritos, coevo, a unica fonte da Arte; e com uma tenacidade que lembra a de Goethe, meditando o Fausto durante a vida inteira, lançou os Rougon-Macquart, a obra capital do realismo enropeu.

Dando-lhe outra significação, que não a depreciativa que por certo lhe attribuiu o critico Mendes dos Remedios, repito a sua frase:

Zola levou o realismo ás suas ultimas consequencias.

Levou-o porque o extenuou, gastando-lhe os recursos. Compreẽde-se á evidencia este momento da sua obra. Encerrando o *Ventre de Paris* com a scetica imprecação de Claudio Lantier — *Quelles gredins qui les honnètes gens!*—vai relegando o realismo estrito, idealizando o seu estilo com uma fé de crente e lançando no *Paris* hinos de reddenção, de iluminado:

Paris flambait, ensemencé de lumière par le divin soleil, roulant dans sa gloire la moisson future de verité et de justice.

A sua obra é duplamente consoladora, não só com a felicidade imaginaria do aniquilamento budico, como um soneto de Quental, não só com a extensão do sofrimento, como no *Rolla* de Musset, mas sobre tudo pelo seu misticismo materialista—sem paradoxo—pela crença forte num bem-estar futuro de Verdade e de Justiça.

A literatura de Zola não é francêsa, é humana. Viverá emquanto a humanidade sofrer.

A literatura portugêsa, mórmente no romance, permaneceu incolume a todo este movimento. Um relance...

Eu distingo em toda a obra de arte, dois aspetos: a obra do pensador e a obra estetica, ou propriamente artistica. Quando predomina qualquer delcs, o pretendido esforço artistico degenera ou em didatica ou em gongorismo. Nas *Odes Modernas*, Antero pensador sobrepuja Antero artista, só nos *Sonetos* na culminancia do génio. Em Zola este desequilibrio deu-se por vezes. Só quando ha justo equilibrio, se realiza a obra de arte, entendendo-se por obra do pensador, o fundo moral, doutrina social ou religiosa, tése de familia ou mesmo scientifica. As

Orações de Junqueiro são quimica em verso, em que a sciencia e a arte se fundem num amalgama homogeneo.

Almas das aguas quando se casaram,
Foi com beijos de luz que se beijaram.

Na literatura portuguesa, desoladoramente superficial e gongorica, abundam os exemplos do predominio da forma sobre a idéa. E' mesmo suposição corrente entre os criticos, que a arte é a forma. Recorto duma cronica literaria a seguinte incisiva passagem. Tratava-se dum escritor pouco acurado no estilo:

—Em Portugal, infelizmente, tambem o preconceito do sr. . . não deixa de ter alguns adeptos, para quem o conhecimento e o trato exemplar da lingua representa maçadas inconportaveis, perfeitamente desnecessarias á celebridade de um escritor. Sabios ha até, que prescindem de taes maçadas. Mas uma coisa é um sabio, e outra um escritor; e póde haver escritores de primeira ordem, que não saibam uma palavra de astronomia, ou de geologia, como póde haver, e ha, geologos e astronomicos de elevada cotação que não escrevem duas liuhas sem quatro erros de gramatica.

Transcrevi a por flagrante. E' o pensar geral, mandam ler Vieira, Bernardes, Luis

de Sousa, Castilho, Herculano e quejandos mestres de gravata de rodilha e casaca á Directorio. Como se a arte fosse apenas um trabalho de gramaticas e dictionarios!

O estilo, numa obra literaria, é muito, mas não é tudo. E os cuidados que se lhe devem não são só os da pureza, mas os da transcendencia, fazendo duma lingua o barro maleavel de Eça, ou o bronze rigido de Herculano. Não basta escrever com pureza, é preciso escrever com arte e duma maneira pessoal, seguir o conselho do velho Horacio:

Communia proprie dicere.

Considera-se tambem entre nós coisas distintas e incompativeis: Sciencias e Letras. E inclui-se nestas a literatura, a filologia, a critica, a historia, a erudição, a linguistica. Tal incompatibilidade é um erro. Os conhecimentos humanos apenas se dividem em Sciencias e Artes, derivando respetivamente dos dois sentimentos obreiros de todo o progresso: o sentimento da curiosidade especulativa e o sentimento da Beleza. O que ha é dentro das Sciencias, o grupo Sciencias Sociaes, em que devem ser enseriadas a historia literaria, a historia social, a filologia,

etc. Segundo este criterio, os escritores são uns ignorantes, uns gongoristas anacronicos.

No romance portuguez, passado o fugidío clarão do genio immortal de Eça Queiroz, ficou uma degenerescencia do realismo, cujos volumes já se encontram em embrião, como paginas, como pequenos episodios incisivos, na obra do genial autor dos *Maias*. Ha temas que a Arte só deve tocar momentaneamente, como reportagem generica, da mesma maneira que uma fotografia dum aspeto dum cidade deve abranger uma praça com os seus lagos, trens, damas, lojas, carroças, mendigos, sentinas, mas não assestar-se exclusivamente sobre um canto humido de dejetos e papeis sujos. . . A inversão sexual, para citar, só deveria ser beliscada, como no *Crime do Padre Amaro*, brevemente, mas incisivamente, no *Libaninho de Leiria*.

Tudo o mais é pornografia, um relatorio de psico-fisiologia teratologica que deve ser inserto numa Revista de Medicina e não num catalogo de romances. E a Arte não visa só á emoção, a Arte seria um crime se fosse agente de contagio.

Ocorrem-me umas linhas de Gorki, a grande alma profetica da Russia. Vai ca-

tequizando uma mulher de indole selvagem e espontanea:

—Ao ouvir o som sêco daquela voz, ela olhou-o com o espanto impresso no rosto, escutando atentamente as suas palavras severas, quasi vingadoras. E ele desmontrou-lhe quanto a intelligencia e a alma eram pervertidas pela literatura da sua predileção, que altera sempre a realidade, estranha ás idéas que enobrecem, indiferente á triste verdade da vida, aos desejos e sofrimentos dos homens.....

—E' preciso ler e apreciar sómente os livros que ensinam a compreender o sentido da vida, a interpretar os desejos do homem e as causas verdadeiras, determinantes dos seus atos. Compreender os homens é perdoar-lhes os seus defeitos. E' preciso saber quanto os homens vivem mal e como poderiam viver bem, se fossem mais inteligentes e se soubessem considerar, como deviam, os direitos uns dos outros. E' que todos desejam a mesma coisa—a felicidade—mas vão por caminhos diferentes, por vezes muito ignominiosos, e isto porque não sabem em que ela consiste. O dever da litteratura sensata e honesta é explicar aos homens em que se resume a felicidade e como caminhar para ella...

(MAXIMO GORKI—*Varenka Olessova*)

E em Portugal o realismo de becos e vielas escuras, proclama, em divisa: *o amor é ou calculo ou cinismo, ou simonia ou deboche* (textual). Todas as grandes litteraturas debatem o problema da vida, a portuguesa

acura um estilo esteril e desce aos cotés.

Mas além deste aspeto brutalmente sexual e pornografico, ha o romance historico, que renasce sempre com mais vitalidade como a famigerada hidra de Lerna.

Foi insensível á pungente satira da *Ilustre Casa Ramires*. Não se póde descer a uma mais categorica negação do senso artistico.

O que é o romance historico português? Uma série de incongruencias cronologicas, colhidas em fontes, que nenhum trabalho critico tornou fidedignas, alteradas e completadas segundo a fantasia do narrador, tratadas num estilo abominavel de jornal, redundante e futil. Um rapido trabalho de estilometria mostra logo a osmose dos jornalistas para a literatura. E' impossivel sustentar o romance historico, como utopico é reproduzir as extintas sociedades, porque ninguem póde abstrair da sua individualidade moderna para se transportar ao passado, para o sentir e o reproduzir, pela mesma razão por que um adulto não póde abdicar da experiencia da vida para voltar a ser a ingenua criança da sua infancia. Por outro lado essa pretensa reconstrução, como entre nós se faz, é mais do que uma inutilidade, é uma burla, porque não corresponde a intuito algum, porque

é apenas um pretexto para estilo mau de folhetim, apregoado com semanas de antecedencia.

O romance historico—e assim mesmo noutro aspéto—teve a sua época no romantismo, porque todos o sentiam nesse culto reverente pelo passado idilizado, meio nebuloso nos seus misterios. Foi uma predileção plenamente explicada pelo estado dos espiritos de então. Assim se justifica o *Eurico*. Mas as condições mudaram, e o romance historico, artisticamente morreu, subsistindo apenas commercialmente. Entre nós parece duma vitalidade de salamandra. Não é difficil apontar uma longa serie de autôres de romances historicos, ainda vivos: Campos Junior, D. Mauricio de Figueiredo, Faustino da Fonseca, Antonio Francisco Barata, Lobo d'Avila, Cesar da Silva, Alberto Pimentel, Marcelino Mesquita, Rocha Martins, Gomes da Silva, Oliveira de Mascarenhas, Candido de Figueiredo, Eduardo de Noronha, Joaquim Leitão, Lourenço Caiola, Malheiro Dias, José Agostinho, etc, etc, -etc...

As recentes reedições de Walter Scott, Dumas pai, Chagas, Mendes Leal e Rebelo da Silva atestam flagrantemente a obra conservantista dos romancistas historicos.

No teatro tambem ainda não passou além de Garrett, qualquer que seja o letrado sob que os autores se enfileirem, Rostand ou outro. E todavia a arte não é para todos os tempos apenas uma obstinação caprichosa dos autores; ha para cada época um arte propria, arte que vive em nós, arte que cada um de nós sente e por que aneia com sofreguidão.

Beethoven apenas deduziu a musica que vibrava em cada alma, sonorizou o sofrimento sentimental duma geração inteira; Quental condensou como um fóco as nevroses abatidas dum tempo cansado e budista; Eça é a arte materialista e purificadora, a satira pungente, a agua perturbadora sobre o placido formigueiro da vida portugueza. Por isso em todos os tempos, a humanidade divinizou os artistas que a compreeneram os unicos que ela podia amar e sentir, enquanto os outros se apagavam na sombra obstinada do esquecimento...

O verdadeiro artista é um homem do seu tempo, que sente todas as emoções, que as interpreta mais fundamente com a maior vibratilidade do seu temperamento; cria, mas cria com uma alma que não é a sua individual, cria com uma alma coletiva, condensação de todos os sofrimentos, todas as triste-

zas, todas as emoções do seu tempo. O verdadeiro artista sente e sofre mais do que os outros, não vive na torre de bronze do genio, isolado, misantropo. Sociabilisa com o mundo, vê-o, palpa-o, compreende-o. Só assim pode realizar a Beleza eterna, que ha dentro de cada peito, que cada alma adora e sente.

Perante tal noção de arte, os romancistas historicos são um escarneo; nem pensadores, nem estetas, apenas uma exageração do gongorismo jornalístico.

Para se ser um grande escritor—romancista ou poeta—é necessario ser-se um espirito livre de mentiras e preconceitos, um espirito enciclopedico, com uma conceção larga e generosa do mundo e da Vida, o que só consegue uma ampla cultura scientifica.

Voltaire foi o primeiro que entreviu esta aliança, e assim o autor da *Zaira* e das *Cartas Inglesas* traduziu e discutiu Newton e Leibnitz.

A Arte Moderna não pôde ser uma Arte iclesiastica, nem militar, nem burguesa, tem de ser inteiramente livre, com a arrogancia potente da Verdade...

D. ALBERTO BRAMÃO

Casamento e Divorcio

I VOL. 700 RÉIS

INDICE

ADVERTENCIA	1
I—Um projecto de lei e um homem de coragem moral. O nosso parlamento. Alarme do espirito catholico. Uma semente que germina. O divorcio desde a antiguidade biblica até nossos dias.....	13
II— O matrimonio e a serpente do Paraiso. Sol e abysmo. O sabio Ampere, os crocodilos do Nilo e os tumulos dos santos. Monogamia, polygamia e polyandria. Uma anecdota. Constituição da familia. Reciproca dedicação conjugal. As mulheres la-cedemonias eram da communidade, assim como os filhos. A base fundamental da familia. Falsos argumentos contra o divorcio. A separação conjugal e os amores illicitos. Injustiça da lei. Odiosa excepção. O conjuge innocente.....	17
III—Outros aspectos. Incompatibilidade conjugal. O namoro nos varios paizes. O namorado é sempre um heroe fingido. As madeixas de Elvira e os bigodes de Alfredo. Chás. Principe e marçano. Uma rainha comida. Unica taboa de salvação. O <i>diplo-ma conjugal</i> . Tuberculose, epilepsia e esterilidade. Reconstituição do lar. O instincto da paternidade. Conselho religioso. A esterilidade e o <i>Génesis</i> . Rachel e Jacob. Sarah e Abrahão. Max Nordau. Luiz XIV. O divorcio na Inglaterra. Balzac. Condemnação infamante.....	29
IV—Motivos de divorcio. As estatisticas. O adulterio	

ACABA DE PUBLICAR-SE

entra com pequena percentagem. Varios paizes. Legalisar situações illegitimas. Alexandre Dumas, filho. Montesquieu. Horacio e as cortezãs. Coefficiente de correcção. O divorcio diminue os *faux ménages*. A Suissa, que é o paiz mais moralisado da Europa, é o que tem o divorcio mais facil. O divorcio existe em toda a Europa, menos em Italia, Hespanha e Portugal. Intransigencia contraria ao espirito da religião. Leão XIII. O concilio de Trento. A indissolubilidade reduz-se a uma palavra sem significação pratica. Santos. O imperador Justiniano. Voltaire. Crueldade e absurdo. O *Génesis*. O *Flos Sanctorum*.....

41

v—S. Paulo e a castidade. *Epistolas aos Corinthios*. A dignidade da familia actual. Voltaire. Filhos de paes incognitos. Os sabios. S. Paulo e as cabelleiras. A inferioridade da mulher. O sacramento matrimonial. A indissolubilidade só a tem o catholicismo. Jesus e os livros sagrados. O *Evangelho de S. Mathêus* e o *Deuteronomio* admittem e aconselham o divorcio, assim como alguns santos, alguns papas e alguns concilios. S. Carlos Magno e as suas varias mulheres. A população do globo. A definição do dogma. O celibato do clero.....

59

vi—A igreja e o divorcio. A annullação do casamento. Formula sophistica da conciliação. Exemplos. Um caso typico em Portugal. A igreja dissolve um casamento vinte e dois annos depois de realisado, por motivo de parentesco remoto. No parlamento. O sr. dr. Roboredo de Sampaio e o sr. dr. Santos Viegas. Factos historicos. Theodoberto, Chilperico, Dagoberto e outros que pelo nome não percam. D. Affonso VI e D. Leonor Telles. O que é a religião. As religiões. Voltaire. Gregorio IX. Masmorra com porta falsa. Desegualdade contraria ao espirito christão

71

vii—O dogma e o poder civil. Phenomenos naturaes e sociaes. A intervenção divina. O contracto e o sa-

cramento. A benção religiosa. A reproducção da especie. A doutrina *millenaria*. Christo e S. Paulo. Renan e a *Vida de Jesus*. A religião persa. O Christianismo. Prêgação contra o amor, tendo como consequencia a prêgação contra a mulher. Phrases de varios santos. Diderot, o hereje. A inferioridade das mulheres e o patriarcha Salomão. Um prelado do seculo xviii. Newton, Kant, e Leibnitz. O abbade Rancé.....

79

viii—S. Paulo e a população. Julio Cezar e as recompensas aos progenitores. As mulheres feridas na sua principal vaidade. O imperador Augusto. Regalias que os filhos determinavam em Roma. Penalidades para os solteirões e estereis. As heranças. Uma opinião curiosa. Chateaubriand. O *genio do Christianismo*. Os conventos como conveniencia economica. A Grecia antiga. Aristoteles e os abortos. Criterio demographico. Platão. A sociologia. O divorcio concorre para o augmento da população. O mez de Maria. O sr. dr. Garcia Diniz e a virgindade. O padre Didon e o bispo de Orleans.....

89

ix—A indissolubilidade conjugal. Phrases de S. Paulo e de Jesus. O imperador Justiniano. A reforma. S. Thomaz e S. Boaventura. A Inquisição. Os papas Honorio III, Gregorio IX e Innocencio III. Os synodos. A excommunhão. Ordem dos Prêgadores ou Dominicanos. Inquisidores da fé. Luctas entre o poder civil e o ecclesiastico. Estabelecimento da Inquisição em Portugal. Alexandre Herculano. A torre de Ugolino. Um polvo voraz. D. João III. O absolutismo. Theophilo Braga A espada e a cruz. Os christãos novos e D. Manuel. Os judeus chacinados. Castas de nobreza. A ignorancia dos nobres. Gil Vicente e Camões. Director espirital. O potro, a polé e a fogueira. O cardeal D. Henrique. A nossa decadencia. O marquez de Pombal. O dogma ...

101

x—Tyrannia. O casamento é um contracto. Incohe-

rencia da lei. Lei civil e lei canonica. Casamento entre individuos de diversas religiões. Familias hebraicas. Voto religioso. O decreto de Joaquim Antonio de Aguiar. Hintze Ribeiro. Sacerdotes. Perfilhação dos filhos sacrilegos. Como se casa geralmente. Febre que passa. A peça *Nó cego*. O sr. Lopes de Mendonça e o sr. Candido de Figueiredo. O divorcio é principalmente favoravel aos filhos. Separem a lei civil da lei religiosa. Lacuna a preencher.....

113

XI—A pena perpetua e o codigo penal. *Duo in carne una*. Direitos civis dos conjuges. A separação. Lombroso. A criminalidade é maior nos paizes em que não ha divorcio. Tragedias conjugaes. Em França. Odilon Barrot. O divorcio é tambem melhor para os filhos. Hector Pessard. Palavras de Napoleão I. Opinião de Montaigne. A força da retina. A Igreja primitiva e o imperador Augusto. O concilio de Toledo. Palavras de Santo Agostinho em favor do casamento civil. O concilio de Trento. Proudhon. Casamentos clandestinos e morgaticos. Monarchas e principes. M.^{me} de Stael. Coherencia da Igreja. A submissão do dogma em casos de força maior.....

123

XII—O divorcio na Europa. Henrique VIII e Anna Bolena. V igreja anglicana. A lei de 1857. Motivos do divorcio na Russia e Grecia. A igreja orthodoxa e Jesus. O divorcio na Allemanha. Na França. A lei de 1892. A Restauração. O projecto Naquet. As leis de 1886 e de 1893. A proposta de janeiro de 1907. Moralidade do divorcio. Na Suissa. Em toda a Europa, só tres paizes não tem o divorcio, Italia, Hespanha e Portugal. Duas linguetas no mar. A divida nacional e o analphabetismo.....

137

XIII—A indissolubilidade e a pena de morte. O direito de assassinio conferido exclusivamente aos conjuges. O sacramento catholico. A theoria do chris-

- tianismo. Lar desfeito para sempre. A religião posta pelo clero e pelo estado ao serviço da impiedade e do crime. O fôro medieval. O imperador Augusto e Santo Agostinho. A façanha épica de D. Ruy Pereira. *Código Penal e Código Civil*. 143
- xiv—Para lustre da Igreja catholica. A indissolubilidade e os filhos adulterinos Amores libertinos e concubinarios. O *Deuteronomio*. A Carta Constitucional em contradicção com o Código Civil. Filhos sem pae nem mãe. Resposta d'um bispo á mãe de Santo Agostinho. Necessidade de extremar os campos espirital e temporal. 161
- xv—O dogma e o sacramento. O mysterio e o instincto da maternidade. Juramento. Jesus prohibe-o absolutamente. Unificação de duas almas e união de dois corpos. Consumação physiologica. A consangnidade e a Santa Sé. O dr. Lima Duque. A esterilidade. A Igreja reconhece o matrimonio sem sacramento. A indissolubilidade nem é phisica nem espirital Erro de theologos. *Sacrae leges*. Excepção religiosa e civil. Injustiças e desgraças. 169
- xvi—A indissolubilidade foi util em outras épocas. A revolução franceza. O poder da religião sobre a consciencia. Condemnação de innocentes. Christo, Thales de Mileto, Confucio, Socrates, Philon, Hillel. A questão Dreyffus. Zola e a alma nacional. O propheta Isaías e Jehovah. 183
- xvii—Resposta a uma senhora. A acção judicial do divorcio. A doença conjugal e o remédio. Lopes de Mendonça e o *Nó cego*. A janella conjugal. Cortejo de victimas. Um monstro ébrio e ladrão. Uma envenenadora. Pérolas de agua. O que sae ás vezes do amor Dilemma cruel. O sepulchro biblico. O supplicio da gota de agua. 189
- xviii—João Chagas e o dr. Roboredo Sampaio. Freira sem esperanza no céu. Congresso de mulheres em França. A escriptora italiana Mathilde Serau.

- Reclamação das mulheres allemãs. A educação da mulher portugueza. O *Amor á antiga*, do sr. Augusto de Castro. D. Anna de Castro Osorio. A mulher casada perante o *Codigo Civil*. S. Paulo e o *Génesis*. Emilio de Girardin. Cornelia. Cleopatra. Jeanne d'Arc. As virtudes femininas. Michelet. Uma genial definição. Lamartine. Herculano. A Universidade. O sr. Julio de Vilhena. Reforma do *Codigo Civil*. 203
- xix—Crimes resultantes da indissolubilidade. Na antiguidade romana, 172 mulheres, em um só anno, envenenaram os seus maridos para casarem com os amantes. O concilio de Verberie. Crimes de aborto. Creanças abandonadas. Infanticidios. *Maternidades secretas* e o dr. Egas Moniz. Exploração da caridade. Tragedias encobertas. A forma de obter o divorcio. Sacrificio do menor numero. Fernando de Sousa e Luiz Veuillot. Mais de duas mil victimas. O divorcio evita a dissolução conjugal. O amor proprio e o ciume. Os olhos da Joanninha de Garret. Desdemona. A liberdade conjugal e a liberdade politica. A autocracia na Russia. Eva e a maçã do peccado. 221
- xx—Uma phrase do sr. conde de Bertianos. Os anathemas do *Syllabus* e a nossa legislação. Pio IX. A concordata e a resignação do patriarcha D. José Netto. José Antonio de Aguiar e Hintze Ribeiro. O prior de S. Jorge. A candeia de Pio IX. Thomaz da Fonseca, Pasteur e S. Romão. Leão XIII. Anthero de Quental. Pio X contra o modernismo. Votos religiosos e congregações. O dr. Alves dos Santos e o patriarcha D. Antonio Mendes Bello. Os oradores sagrados Francisco José Patricio, dr. Santos Farinha e o conego Gonçalo Vaz. O fanatismo e os verdadeiros christãos. O poder civil e a fé religiosa. O antigo *cré ou morres*. D. Manuel e D. João III. A experincia do seculo xvi. O exemplo de Jesus. O necroterio da historia. 233
- xxi—Imputação falsa. Balzac. Guerra Junqueiro. O

- dogma da infallibilidade. O concilio de Trento. Index Expurgatorio. A Polonia, a França e a Belgica. A. Herculano. O milagre de Ourique. *Eu e o Clero*. O mosteiro dos Jeronymos. O conego Alves Mendes. Camillo Castello Branco. O conego Senna Freitas. O sr. Julio de Vilhena e os filhos sacrilegos. A intelligencia. A Reforma. Leão X e a igreja de S. Pedro. Abuso de indulgencias. Molière. Luthero e o grande schisma. Renan. Carlos IX e Philippe II. Zola e Dreyfus. Felix Faure. O poder civil. O criterio catholico e Jesus. Rousseau e o fanatismo. Torquemada. Moysés. O divorcio aperfeiçoa a harmonia humana 245
- xxii—Jesus e os *Livros Sagrados*. Fernando de Sousa e dr. João de Mascarenhas de Mello. *Evangelho de S. Matheus*. O padre João Ferreira d'Almeida. A antiguidade romana. Montesquieu. O abbade Vidieu. O divorcio imposto por vontade alheia. Moysés e o repudio. S. Jeronymo. Cicero, Lamartine, Claudius, a mulher de Cesar. A fórma-summaria do repudio romano. Terencia e Clodia. Juvenal. As leis brahmanicas. Jesus e o dogma 263
- xxiii—A infancia de Jesus. Renan. Os prophetas e o *Pentateuco*. A *Vulgata*. Repudio e divorcio. As palavras de Jesus. O *Génesis*. A promiscuidade amorosa da Biblia. O que foi a humanidade no principio da creação. O diluvio universal. A divisa de Molière. Factos estupendos. Uma phrase épica de Santo Agostinho. Escandalosa reportagem. Jacob, Rachel e Labão. Um soneto de Camões. O caso de Esther, mulher do rei Assuero, casado com Vasthi. Salomão. O livro *Juízes*. O *livro de Samuel* 277
- xxiv—A *Cidade de Deus*. *Confissões* de Santo Agostinho. Moysés. O abbade Vidieu confessa que Deus tolerou o divorcio. O casamento judaico. O amor. O ideal de indissolubilidade é de todos os tempos. Amores celebres. Alphonse Karr. O cardeal Gousset. O bispõ de Orleans. Estamos d'accordo 305

- xxv—O divorcio instituido por Deus. Hypocrisia epidemica. Paul e Victor Marguerite. O divorcio é um remedio. M.^{me} de Stael. S. Paulo tambem admittiu o divorcio. Os *Apostolos*. Renan. O casamento romano *Repudium* e *divortium*. A supressão do divorcio augmentou a criminalidade. A lei de Romulus e a lei das *Doze Tabuas*. Palavras de S. Carlos Magno. Santas que se divorciaram e passaram a segundas nupcias. O monge Marculpho. Alexandre Dumas, filho. Os concilios de Compiagne e de Verberie. Em 1031 começa a repressão. A supremacia do poder canonico..... 317
- xxvi—No concilio de Trento. O dogma da indissolubilidade não ficou definido. Os gregos de Veneza. O canone vii. Um dogma *in partibus*. Erro ecclesiastico. Paulo III. O concilio de Latrão. O cardeal Pallavicini. Henri Coulon. A indissolubilidade é apenas uma nobre aspiração. O divorcio de Napoleão I e Josephina. No palacio das Tulherias. A cerimonia civil do divorcio. A Historia do Consulado e do Imperio. A princeza Maria Luiza. Como a Egreja catholica sancionou o divorcio de Napoleão. Grande lição historica. Uma commissão de sete prelados. As testemunhas. Extraordinario! O cardeal Fesch. Comedia de sophismas e falsidades.. 337
- xxvii—Causas de divorcio. Em França. Paul e Victor Margueritte. A obra de Bourget ataca, não o divorcio, mas a Egreja. A campanha do *Matin*. Campoamor e Molière. A indissolubilidade não existe na pratica. O amor livre. O casamento civil acceito pela Egreja. Dr. Trindade Coelho e dr. Cunha e Costa. O clero parochial é digno de beneficio. O *commum accôrdo*. Em favor da mulher e dos filhos. A *vontade de um só* presta-se a abusos. Adonis voluvel. Reforma do nosso codigo civil, garantindo os direitos da mulher e dos filhos. Em Monaco. O divorcio ha de vir para Portugal.. 361
- POST-SCRIPTUM..... 380

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

O Agitador. Emocionante romance de amor, que é ao mesmo tempo, a historia fiel da revolta de 31 de Janeiro, por Fortunato Correia Pinto. 1 vol.....

O Atheismo. Por Felix le Dantec, traducção de Faustino da Fonseca. 1 vol.....

Bôças do mundo. Por Severo Portella. 1 vol.....

Casamento e divorcio. Por D. Alberto Bramão. 1 vol.....

Catalunha e as Nacionalidades Ibericas. Apontamentos para o estudo da Civilização Hispanica, por Julio Navarro y Monzó. 1 vol..... 1

Os Civilisados. Romance por Claude Farrère, traduzido com auctorisação expressa do auctor por Antonio d'Albuquerque. 1 vol.....

Contos d'um nevrotico. Por Portugal da Silva. 1 vol.....

A descoberta do Brasil. Por Faustino da Fonseca. 2.^a edição. 1 vol.

Synopses grammaticaes e lições da lingua franceza. Por Alfredo Julio de Brito. 1 vol.....

O marido virgem. Pathologia do amor, por Alfredo Gallis. 1 vol.

O que os noivos não devem ignorar. Philosophia pratica do amor entre os dois sexos pelo Barão d'Alpha. 1 vol.....

Sociologia fundamental. Os grandes problemas sociaes. Constituição da sociologia. Por J. A. Bentes. 1 vol..... 1

Zamperineida. Segundo um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa, publicado e annotado por Alberto Pimentel. 1 vol.....

PN
768
F5

Figueiredo, Fidelino de Sousa
Arte moderna

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 16 18 06 16 004 5